

## A MEMÓRIA URBANA COMO RECURSO DIDÁTICO APLICADA AO ENSINO DE GEOGRAFIA

### URBAN MEMORY AS DIDACTIC RESOURCE APPLIED TO GEOGRAPHY EDUCATION

Paulo Wendell Alves de Oliveira\*  
Ana Paula Rodrigues da Costa\*\*

#### Resumo:

O presente artigo é uma reflexão sobre a possibilidade da utilização da memória urbana como linguagem a ser trabalhada no ensino de Geografia, buscando trabalhar com categorias e conceitos geográficos, principalmente no contexto urbano, tendo como ponto de partida o cotidiano do aluno. Dessa forma, partiu-se do recorte espacial do bairro São José na cidade de Juazeiro do Norte - CE. Assim, realizou-se uma análise junto aos alunos do 2.º ano do Ensino Médio da E. E. P. Raimundo Saraiva Coelho. Como metodologia, foram realizados minicursos, abordando alguns conceitos fundamentais que foram debatidos neste texto. Posteriormente, realizou-se um campo onde os alunos apresentaram a construção desses conceitos na prática. Eles desenvolveram diferentes leituras, contextualizando o bairro São José e sua condição urbana, tendo como ponto de partida o tema aqui discutido.

\* Universidade Federal de Goiás - Discente de Doutorado em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás - PPGeo(IESA)/UFG.

\*\* Universidade Federal de Goiás - Discente de Mestrado em Geografia, pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás

#### Abstract:

The present article is a reflection on the possibility to use urban memory as a language to be used in geography education in the study of geographic categories and concepts, principally in an urban context, using the daily-life experience of the students as a starting point. In order to test the possibility of this method for research, we selected the neighborhood of São José in the city of Juazeiro do Norte as empirical case study. An analysis of this tool has been used with second-year high school students of the Raimundo Saraiva Coelho School, which is located in the São José neighborhood. The methodology included mini seminars with the students, giving emphasis to some of the fundamental concepts, and a fieldwork experience during which the students had to present the construction of these concepts in practice. As a result, the participants developed different readings of their space by contextualizing the São José neighborhood and its conditions, based on urban memory.

#### Palavras-chave:

Memória urbana; Ensino de geografia; Linguagens

#### Keywords:

Urban Memory. Geography Education. Language

## INTRODUÇÃO – HORA DE SACIAR A FOME

Maurício de Abreu (2012), em seu artigo intitulado “Sobre a memória das cidades”, nos chama a reflexão para pensar o conjunto de lembranças que estão presentes nas diferentes cidades, fazendo um alerta, dizendo que muitas das cidades que possuem vestígios preservados de seu passado, estes ainda existem, em geral, por contexto de decadência econômica ou mesmo, são substituições a arquiteturas anteriormente existentes. Isso se deve a um pensamento pautado na ideia de um “país do futuro”, onde o “velho”, o “antigo” tinha de ser substituído pelo moderno.

Ao chamar a atenção para esse tema que emerge em estudos em diversas áreas do saber, seja na própria geografia, na história, na arquitetura e no urbanismo, ou mesmo pelo senso comum, o termo “memória urbana” vingou, no entanto esse termo é impreciso para destacar o passado de uma cidade. Pondera Abreu (2012), que neste sentido dever-se-ia utilizar a denominação “memória da cidade”, no entanto também seria enganosa, pois a cidade não tem memória, esta é realizada pelos sujeitos que nela vivem.

Seria a memória da cidade, desta forma, um estoque de lembranças materializadas na paisagem e em registros documentais, aliadas às memórias coletivas de grupos sociais que produzem a cidade. Abreu (2012) chama-nos a atenção para que a memória desses grupos sejam preservadas, como também as memórias que estão sendo produzidas hoje, sendo que estas lembranças são realizadas por relatos orais, que conciliam as histórias de vida dos sujeitos dos diferentes grupos sociais, ao processo de produção espacial das cidades.

Ao se trabalhar com memória, deve-se entender que estas estão fixadas a uma base sólida, que são os lugares. Um sujeito ou grupo social ao recordar de tempos passados, apoiam-se nos ambientes e nas paisagens para resgatar suas lembranças. Pensando a partir do ensino de geografia, tem-se questionado como inserir tal debate nos diferentes conteúdos relacionados ao urbano e a cidade, no sentido de que uma investigação sobre a memória da cidade, pode servir de ferramenta didática para auxiliar os professores e alunos na compreensão de determinados conteúdos e categorias geográficas, podendo ainda despertar um interesse maior no educando, no sentido em que ele passa a investigar sua cidade.

Este artigo tenta apontar como a memória da cidade pode contribuir para o ensino de Geografia na compreensão de determinados conceitos, como espaço e lugar, ao buscar recuperar falas, histórias e lembranças de seus habitantes.

O objetivo deste trabalho é abordar o contexto da memória urbana como forma de recuperar momentos urbanos do passado e do presente, avaliando, dessa maneira, como esses aspectos podem conciliar discursos, interesses, processos de lutas e resistências, conflitos, enfim, uma lógica espacial sobre determinados períodos pelos quais os indivíduos passaram junto ao espaço urbano.

[...] os termos “memória urbana” e “memória da cidade” vingaram e dizem respeito não à capacidade de lembrar de indivíduos ou grupos, mas ao estoque de lembranças que estão eternizadas na paisagem ou nos registros de um determinado lugar, lembranças essas que são agora objeto de reapropriação por parte da sociedade. (ABREU, 2012, p. 31, grifos do autor).

Cabe ressaltar ainda, que ao abordar o referido tema, deve-se atentar aos agentes que constroem, modelam e reconfiguram o espaço urbano e a cidade nos diferentes períodos históricos. A atuação de tais agentes deixa vestígios na paisagem da cidade, que permite a realização de uma leitura histórico-espacial que tem como suporte sua base material, expressa na paisagem urbana, bem como em instituições de memória (museus, arquivos, bibliotecas, etc.) (NORA, 1993).

Deve-se atentar que tal base material, está constantemente sendo modificada por diferentes interesses ligados aos agentes sociais que produzem e consomem a cidade, principalmente no momento atual da sociedade, no qual o processo de globalização vem contribuindo para que todos os lugares sejam bastante parecidos (SANTOS, 2013). Assim, deve-se entender a existência de processos de modernização, isto é, a formação de padrões urbanos, diferentes formas de organização espacial, onde cada periodização traz suas próprias formas de arrumação das variáveis, permitindo que seja reconhecido, assim, um processo histórico mais geral, não importa onde estivermos.

No avançar desses processos de sucessivas modernizações, muitas formas se perdem, outras são substituídas ou modificadas. Portanto, deve-se atentar para esses diferentes processos de modernização para que seja possível compreender as diferentes representações histórico-culturais preservadas e transformadas da paisagem da cidade, assim é possível ter uma análise da forma como se desenvolveu e se desenvolve a cidade.

Recorrer somente ao aspecto material da paisagem, não basta. Para compreender-se a memória da cidade, é preciso que esta (base material) dialogue com a memória coletiva do grupo social, que desenvolve, *pari passu*, papel importante na compreensão do passado histórico-geográfico da cidade, principalmente em

municípios novos como se apresenta Juazeiro do Norte (OLIVEIRA, 2014).

## JUNTANDO OS INGREDIENTES – MEMÓRIA E ESPAÇO E SUA DISCUSSÃO NA GEOGRAFIA

A memória coletiva permite recuperar os referenciais espaciais existentes em períodos de outrora, e com base na oralidade dos sujeitos e na leitura e interpretação de documentos é possível recuperar imagens do passado, possibilitando um reencontro com momentos pretéritos, quando essas paisagens já não mais existem. Assim é possível recordar modos de vida, as diversas formas sociais, os conflitos, momentos de ruptura da estrutura, etc.

No entanto, deve-se ater a questões próprias à memória, pois esta encontra-se cheia de lacunas. A lembrança, ao ser recordada pelo sujeito, flutuará por diferentes períodos e é influenciada pelos diferentes contextos histórico-espaciais. Assim, a memória não é recuperada tal qual o momento em que foi vivenciada (HALBWACHS, 2003). “Graças à memória, o tempo não está perdido, e, se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado, está o espaço reencontrado” (ABREU *apud* POULET, 2012, p. 25).

A memória coletiva está vinculada a um determinado grupo social que possui um lugar de convívio em comum, o que permite que lugares e suas marcas fiquem guardados nas lembranças desses sujeitos.

[...] a capacidade de lembrar é determinada, não pela aderência de um indivíduo a um determinado espaço, mas pela aderência de um grupo do qual ele faz parte àquele mesmo espaço: um espaço em que se habitou, um espaço em que se trabalhou, um espaço em que se viveu. Um espaço, enfim, que foi compartilhado por uma coletividade por um certo tempo, seja ela a residência familiar, a vizinhança, o bairro, o local de trabalho [ou a cidade]. (ABREU, 2012, p. 26, *grifos nossos*).

A memória possui uma função social na percepção e recuperação histórico-espacial da paisagem, reportando-a, assim, a momentos que ficaram em um passado, mas que podem ser ressignificadas através da oralidade dos diversos sujeitos que convivem com esses lugares e paisagens, bem como através dos documentos, fotografias, mapas, etc. (SEEMANN, 2003).

Cabe também discutir a paisagem histórico-cultural como um elemento que permite entendê-la, correlacionando-a à sociedade que a construiu e que passa a ter identidade pela singularidade que esta reporta.

Deve-se buscar examinar os métodos de sua formação, permanências e substituições – forma, função e processo (SANTOS, 2013). Assim, busca-se vincular a produção espacial da cidade a esses dois conceitos, o de paisagem histórico-cultural e a memória, pois:

[...] a paisagem urbana é constantemente modificada pela sociedade, a partir de sua maneira de expressar-se culturalmente, bem como a análise da oralidade como meio de buscar uma ressignificação desses espaços que já não existem na cidade de Juazeiro do Norte. (OLIVEIRA, 2014, p. 53)

O conceito de lugar também apresenta-se de forma relevante nesta perspectiva, tendo em vista que “[...] é definido como um conjunto complexo, enraizado no passado e incrementando-se com a passagem do tempo, com o acúmulo de experiências e sentimentos” (HOLZER, 2000, p. 113). Os diversos sujeitos relacionam-se com as paisagens e com os outros sujeitos, orientando a construção de identidade em decorrência do tempo, este é o lugar.

Pela oralidade, a memória pode vir a constituir em uma linguagem importante para o ensino de geografia, tendo em vista a possibilidade de ressignificar paisagens de outrora, os lugares pretéritos, o modo de vida, as particularidades de tempos passados (OLIVEIRA, 2014). E, com o auxílio das representações cartográficas, por exemplo, é possível (re)ler essas vivências.

Em razão de não existir uma receita pronta de como ensinar, o professor precisa articular-se dentro do contexto da realidade vivenciada pela instituição, sendo fundamental essa parceria entre professor/escola/comunidade para utilizar e adaptar a memória como recurso para as aulas de Geografia, vislumbrando novos horizontes na forma de ensino, inclusive, a utilização de recursos didáticos diversos, pois, sabe-se que pela árdua tarefa do educador, até pela própria estrutura educacional brasileira, ele não dispõe de muito tempo para executar tarefas fora do ambiente escolar, devido a uma série de dificuldades vigentes (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007). Porém, é preciso abrir outras perspectivas para o ensino, tanto envolvendo o aluno, como dando ânimo ao professor para tornar a didática mais satisfatória.

Um olhar geográfico aprimorado pode trazer possibilidades e oportunidades para programar a dinâmica de ensino e, o professor tem papel fundamental nesse processo, no sentido de inovar o ambiente escolar, produzindo novidades para suas aulas, no intuito de despertar o interesse e a curiosidade no aluno, chamando a atenção e direcionando a turma a um olhar crítico, criativo e reflexivo, a fim de compreender o espaço por

ele habitado.

Para isso, é preciso que haja um domínio do docente sobre a linguagem a ser utilizada em sala, pois, as contribuições que o uso da memória como linguagem pode propiciar são inúmeras. Sabe-se da carência no ensino hoje em dia, por isso as linguagens surgem como ferramentas facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem, auxiliando a comunicação nas aulas de Geografia, tornando-a mais criativa e dinâmica. Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) defendem, dessa forma, que:

As linguagens constituem recurso didático que necessitam ser utilizados no mundo atual, seja na instituição escolar, seja em outros caminhos ou lugares, porque, por meio delas, os horizontes do conhecimento se abrem para os jovens, professores e cidadãos que já passaram pela escola em tempos anteriores. [...] Esses recursos, se adequadamente utilizados, permitem melhor aproveitamento no processo de ensino e aprendizagem, maior participação e interação aluno-aluno, professor-aluno. (p. 215-216).

Portanto, a memória como linguagem a ser introduzida no ensino de Geografia pode ser trabalhada como forma de aproximar a sala de aula da comunidade, levando os alunos a interagir com pessoas de diferentes faixas etárias, na produção de um material que visa discutir conceitos geográficos e potencializar a identidade do lugar, na vivência de uma topofilia (TUAN, 2012), fazendo com que os alunos, ao vivenciarem o campo, sejam levados a descobrir o passado, a construir o presente e preparando sua formação para o futuro. Enquanto os estímulos virtuais tornam-se algo tão corriqueiro no espaço escolar, as atividades práticas de vivência estão se tornando algo caro no ensino, principalmente no caso da Geografia.

## **LENDO A RECEITA – A MEMÓRIA URBANA E SUA INSERÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: POSSIBILIDADES E DIÁLOGOS**

É nesse sentido que, procura-se analisar de que forma a utilização da memória urbana como uma linguagem a ser adaptada ao ensino de Geografia pode vir a contribuir na construção de noções sobre os processos de produção do espaço urbano, analisando-os a partir da materialidade existente nesse espaço, bem como nos grupos sociais presentes nesses lugares.

O recorte espacial trabalhado, foi o bairro São José na cidade de Juazeiro do Norte - CE. O bairro foi escolhido, pois a escola selecionada para pesquisa, situa-se no bairro. As turmas trabalhadas foram as turmas do 2.º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual de Educação Profissional Raimundo Saraiva Coelho.

Buscou-se identificar, junto aos alunos, a constru-

ção dos conceitos de lugar e de paisagem, tomando por base as narrativas e representações dos diferentes grupos sociais presentes no bairro São José, a partir da visão dos indivíduos entrevistados. Ademais, procurou-se analisar as transformações histórico-espaciais ocorridas no bairro e o seu impacto à memória urbana. Os alunos também produziram mapas mentais com sua percepção a respeito da área antes e após essas visitas.

O surgimento de tal proposta deu-se no cumprimento do Estágio Supervisionado III, voltado para regência em turmas do Ensino Médio, a partir de conversas ocorridas tanto com professores da escola na qual foi realizado o estágio, quanto com o professor orientador, além de ter base na leitura de diferentes autores que defendem que a realização do estágio não seja apenas uma mera formalidade de cumprir dada carga horária. Nesse sentido, concorda-se com Souza (2014) que, ao refletir sobre a função do estágio na formação inicial do professor de Geografia, pontua:

[...] As práticas profissionais do professor de geografia são aquelas que promovem nos alunos da Educação Básica a *construção de um pensamento espacial capaz de compreender as diversas espacialidades do seu cotidiano e estabelecer diversas relações espaciais em diversas escalas*. Para tanto, o professor necessita de ter domínio teórico conceitual da geografia, [...] de conhecimentos pedagógicos [que permitam aos alunos internalizarem] os saberes e práticas espaciais cotidianas [e] competência técnica para efetivar suas aulas usando os recursos disponíveis nas escolas. (p. 108, *grifos nossos*).

Desse modo, partiu-se do pressuposto de que o estágio é uma atividade complexa e que deve ser enfrentada visando superar todos os obstáculos apresentados para a efetivação de um pensamento geográfico, utilizando-se, assim, dos materiais que se fazem necessários para o desenvolvimento do ensino de modo geral, e da Geografia de forma específica. Assim, decidiu-se pela ideia de se trabalhar com a memória urbana no debate dos conceitos de lugar e paisagem, considerando as experiências práticas que os alunos já trazem consigo.

## **COLOCANDO A MÃO NA MASSA – A MEMÓRIA URBANA DE DENTRO PARA FORA DA SALA DE AULA**

Para que se possa compreender a memória urbana e mobilizá-la no ensino de Geografia, faz-se necessário uma metodologia participativa que vise promover o diálogo entre escola e comunidade (KAERCHER, 2004). Dessa forma, partiu-se, em um primeiro momento, para analisar quais as contribuições pertinentes sobre o processo de produção histórica da cidade de Juazeiro do Norte, buscando “didatizá-lo”, tendo como

perspectiva central o contexto do bairro São José. Sendo assim, desenvolveu-se um material inicial, com o objetivo de promover minicursos junto aos alunos, no intuito de compreender determinados conceitos relacionados à produção espacial da cidade, ligando-a à comunidade e aos grupos sociais que vivenciaram esse processo de produção nos diferentes períodos, permitindo uma leitura histórica e humanizada desses fatos.

É necessário, entretanto, compreender que o processo de aquisição de conhecimentos pelos alunos não começa na sala de aula. Deve-se levar em consideração que, quando o educando chega à escola, já possui conhecimentos empíricos construídos (CAVALCANTI, 2008). Desse modo, “não se trata de *adquirir* uma cultura experimental, mas sim de *modificar* uma cultura experimental, de derrubar obstáculos já sedimentados da vida cotidiana” (LAMPERT *apud* BACHELARD, 2013, p. 134, *grifos do autor*). Portanto, uma forma inicial de introduzir esse conceito é partir do próprio conhecimento empírico do discente sobre o processo de produção espacial da cidade, tentando vincular aos conceitos de lugar e paisagem.

As possibilidades de utilização da memória como linguagem para o ensino de Geografia, como ferramenta que possibilite a compreensão do processo de produção histórica de Juazeiro do Norte, buscando analisar o recorte do bairro, permite que os alunos tornem-se sujeitos produtores do conhecimento, dialogando com ferramentas científicas trabalhadas a partir das orientações realizadas pelos professores, de forma que ele não será mero espectador desse processo do fazer/pensar/refazer.

Nesse sentido, concorda-se com as afirmativas de Nelson Rego (2009), ao trabalhar com a ideia de “pastel de vento” proposta pelo professor Kaercher (2004) em sua tese de doutoramento.

[...] Kaercher classifica como pastéis de vento em educação, particularmente no ensino de geografia, práticas que solicitam a multiplicidade das falas, mas não incentivam o exercício do opor, comparar e conciliar argumentos; estimulam a elaboração inicial de perguntas, mas não prosseguem na investigação da dúvida, na busca de respostas e na reelaboração das perguntas (REGO, 2009, p. 4).

Os alunos devem ser sujeitos ativos no processo de apropriação dos conhecimentos escolares. Não basta expor conteúdos de forma crítica, mas fazer com que eles apresentem ideias reflexivas que vão além do ato de indagar, mas de reelaborar questões a partir da prática vivenciada do ensino, ou seja, sair dos muros das escolas e ir buscar no campo os contextos, categorias e conceitos abordados no ensino de Geografia.

Para que seja possível realizar a análise proposta

por este trabalho, da construção da memória urbana, tendo como recorte o bairro São José, fez-se necessário desenvolver tais minicursos junto a professores e alunos de Geografia, trabalhando as técnicas apropriadas para se compreender e pesquisar a memória urbana. Os trabalhos realizados por Abreu (2012), que apresentam a ideia da memória da cidade, e Oliveira (2014), que pesquisou a memória da cidade em Juazeiro do Norte, foram as principais fontes para a produção dos minicursos.

Os minicursos foram realizados no auditório da Escola Raimundo Saraiva Coelho, com quatro turmas de 2.º ano do Ensino Médio e professora responsável por elas, Marilene Lobo. Foram abordados os conceitos de lugar e paisagem, além de trabalharem-se algumas questões sobre o espaço urbano de Juazeiro e do Bairro São José, apresentando também aspectos ligados à produção de projetos de pesquisa e as etapas de sua construção.

Os minicursos foram realizados no mês de agosto de 2015. Os alunos puderam iniciar as leituras sobre o contexto espacial do bairro a ser trabalhado no campo, as técnicas de pesquisa para realização de questionários, os meios adequados para o tratamento na interpretação das memórias e na visualização de aspectos materiais importantes para identificar a memória urbana presente no lugar.

Ao final da atividade, solicitou-se aos alunos que eles realizassem a construção de um mapa mental sobre o bairro São José e construíssem questionamentos que julgassem importantes sobre o que estão identificando nesse primeiro momento como memória urbana, além de trabalharem sobre os conceitos de lugar e de paisagem. Essa etapa seguiu a ideia levantada pelos autores, dialogando com outras fontes que defendem o processo de ensino/pesquisa relacionado à Geografia.

Um ponto interessante que se identificou logo neste primeiro contato foi o fato de que nem todos os alunos conheciam o bairro São José, ficando restritos às imediações da Avenida Padre Cícero (Figura 01), uma das principais avenidas de Juazeiro do Norte, bem como a localidade da escola na qual estudam. Poucos eram aqueles que moravam ou que já foram moradores do bairro a ser trabalhado. Esse fato permitiu que fosse realizado um diálogo sobre esse contexto urbano no minicurso.

A escola onde foi desenvolvido o trabalho é uma de ensino integrado, ofertando formação profissionalizante, o que permite que seja acessada por estudantes vindos de diferentes bairros de Juazeiro do Norte.

Figura 1 - Localização da Escola Raimundo Saraiva Coelho, localizada no bairro São José, em Juazeiro do Norte, próximo a Avenida Padre Cícero.



Fonte: Adaptado do Google Earth (2014). Elaborado pelos autores (2015).

O bairro São José fica nas intermediações entre as cidades de Crato e Juazeiro do Norte. A partir de 2005, o bairro passou por grandes transformações, graças à chegada de diferentes equipamentos urbanos, sejam públicos ou privados, como são os casos da própria escola de ensino profissionalizante objeto desta pesquisa, assim como a instalação do DETRAN-CE (Departamento Estadual de Trânsito), estação São José do VLT (Veículo Leve sob Trilhos) que liga as cidades de Crato e Juazeiro do Norte, lojas de revenda de carros e grandes redes atacadistas, o que adensou o bairro, fazendo com que a especulação imobiliária fosse ficando, a cada ano, mais forte.

Anteriormente a todo esse processo, o bairro São José apresentava-se com outro aspecto, trazendo muitas características de Zona Rural (Figura 2), sendo considerado um sítio. Após a chegada desses equipamentos, novas infraestruturas transformaram o espaço: pavimentação das ruas, equipamentos de saúde, lazer, novos comércios, frota de ônibus, etc., o que, por sua vez, atraiu a vinda de novos moradores. Muitas das casas hoje existentes lá foram adquiridas junto à subsídios do governo para financiamento, como o programa “Minha

Casa, Minha Vida”, sendo que essa nova população que chega ao bairro é de classe média, muito dos quais são nascidos em municípios vizinhos, passando a morar em Juazeiro do Norte em busca de melhores condições de vida, graças aos atrativos comerciais, de serviços e oferta de emprego.

Toda essa base inicial foi trabalhada junto aos alunos com a realização dos minicursos, buscando desenvolver uma contextualização do processo de ocupação do solo urbano pelo qual foi submetido o bairro São José.

Percebe-se que o processo urbano ao qual o bairro foi submetido teve impacto direto na memória urbana do lugar, assim, solicitou-se aos discentes que partissem de um olhar geográfico, sendo que esse processo resultou em transformações/permanências dentro do contexto urbano do bairro.

Os alunos ficaram intrigados com essas transformações urbanas. A grande maioria sequer tinha conhecimento desses acontecimentos. Isso confirma a necessidade de uma proximidade maior entre a educação e a realidade em que estão inseridos, tendo em vista que, no caso específico da Geografia, é de grande relevância essa

Figura 2 - Fotografia do bairro São José no ano de 1959, onde a localidade ainda não fazia parte da malha urbana da cidade, sendo apenas uma zona rural do município.



Fonte: Enciclopédia dos municípios brasileiros (1959).

aproximação entre teoria e prática (SOUZA, 2014; CAVALCANTI, 2008). Novamente, faz-se presente a ideia do pastel de vento<sup>1</sup>:

Pastéis de vento levam a extremos caricaturais algumas máximas, transformando-as em clichês esvaziados de sentido crítico e criativo que buscam aparentar. Por exemplo, torna-se justificativa para o descompromisso em relação à busca de quaisquer respostas a conhecida frase que diz que mais importante do que as respostas são as perguntas, como se perguntas pudessem ser reelaboradas de modo mais perspicaz sem o suporte do processo de equilíbrio/desequilíbrio face as respostas reciprocamente em movimento. (REGO, 2005, p. 04).

Esse processo de equilíbrio/desequilíbrio na busca do conhecimento de que trata Rego (2005) só pode ser alcançado na atitude crítica/reflexiva/criativa do estudante em não só indagar, mas reelaborar as questões, buscar as possíveis respostas, realizar uma leitura do contexto a ser trabalhado e chegar à suas conclusões, essa atividade é possível dentro deste processo de equilíbrio/desequilíbrio.

Foi nesse intuito que, ao final do minicurso, os alunos foram preparados para realizar um trabalho de campo no bairro São José. Antes disso, eles construí-

Figura 3 - Localização das paradas realizadas para a aplicação das entrevistas que foram realizadas pelos alunos.



Fonte: Adaptado do Google Earth (2014). Elaborado pelos autores (2015).

ram representações cartográficas sobre sua visão do bairro para que, posteriormente, fosse realizada uma nova representação, no sentido de perceber quais percepções foram alteradas no tocante ao tema.

O campo (Figura 3) foi realizado no mês de setembro de 2015, sendo que, pelo tempo que foi disponibilizado pela escola para a realização da pesquisa, foi necessário dividir os alunos em quatro equipes de 15 alunos, onde cada uma ficou com uma parte diferente do bairro, responsáveis por elaborar questionamentos sobre o contexto de formação do bairro, as transformações perceptíveis para os moradores, quais equipamentos foram instalados na localidade que trouxeram mudanças significativas, dentre outras questões que julgassem importantes, sendo orientados pelos professores. A duração da atividade foi de 03h:30min (três horas e trinta minutos).

Reportou-se a determinados grupos sociais, compreendidos em diferentes faixas etárias de 40 anos ou mais, que possuem como elo diferentes espaços do bairro São José que são tomados na forma de lugar e da paisagem, dadas as vivências dos sujeitos com estes espaços, guardando em suas lembranças as imagens, os conflitos, momentos de outrora em suas memórias, que os ajudam a contar a história do lugar, das transformações e permanências na paisagem.

A cidade não é apenas permeada por relações de interesses e conflitos, ela manifesta o modo de sentir de cada indivíduo que nela habita. Deve-se buscar compreender o modo de sentir das pessoas nos lugares (TUAN, 2012), os sentimentos que o ambiente urbano e sua materialização se apresentam nos cidadãos.

Como suporte para a realização das entrevistas, foi necessária a utilização de alguns recursos, bem como representações cartográficas elaboradas pelos próprios alunos. Nesse sentido, Seemann (2003) aponta que: “[...] os registros desses relatos não devem se restringir ao ambiente aconchegante da sala de estar, por que muitas das lembranças encontram-se “lá fora” na rua, na fazenda, na vizinhança, no bairro – afinal, no espaço” (p. 46). Assim, além de se destacarem a percepção e o sentido de lugar e das transformações da paisagem para os sujeitos, pode-se destacar como graficamente o aluno representa as transformações vivenciadas ao longo do tempo, nos diferentes períodos que se sucedem, com base nas narrativas dos moradores do bairro.

## **RECHEANDO O PASTEL – LENDO A MEMÓRIA URBANA DO BAIRRO SÃO JOSÉ – JUAZEIRO DO NORTE - CEARÁ**

No campo, os alunos foram orientados a respeito da forma que deveriam abordar os moradores do bairro, para que, assim, pudessem realizar as entrevistas, de maneira que se apresentassem dizendo a qual instituição

pertencem e qual finalidade teriam as entrevistas. Isso deve ser parte fundamental ao levar o discente para realizar entrevistas, porque ele começa a ter vivência com o processo de pesquisa, desde a construção de um projeto, levantamento de dados iniciais, construção do material (questionários, roteiro de campo, recorte espacial, tratamento com os entrevistados, tratamento dos dados, etc.) (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007).

Após as instruções, cada grupo foi acompanhado por um (a) professor (a)<sup>2</sup> que tinha por orientação não interferir na pesquisa, deixando-os livres para trabalhar os questionamentos levantados.

A operacionalidade das entrevistas também ficou por conta dos alunos, pautada no que fora desenvolvido no minicurso com relação a como deve ser conduzida uma entrevista e de que forma deve ser tratada a memória, cabendo a cada grupo entender qual seria a melhor forma para realizar as entrevistas, no sentido de avaliar-se como eles compreenderam a construção de uma metodologia de pesquisa.

Dessa forma, algumas equipes preferiram realizar as entrevistas junto a um ou mais moradores, enquanto outras preferiram dividir-se em menor grupo, no intuito de conseguir entrevistar o maior número de habitantes possíveis. Por fim, outra equipe dividiu-se em análise visual da paisagem para que depois pudesse ser construído outro mapa. Isso permitiu, ao final de todas as atividades, avaliar junto aos alunos à maneira que deve ser encarada a pesquisa de campo.

Tal opção foi tomada com o intuito de analisar as possibilidades de organização e de construção metodológica por parte dos alunos, com base no que fora apresentado no minicurso e nas orientações dadas pelos professores antes da ida ao campo. Assim, seria possível avaliar as formas de compreensão de cada grupo de alunos, sobre a organização metodológica de aplicação dos questionários, debatendo-se, posteriormente, erros e acertos na produção de uma investigação científica.

Dessa maneira, os alunos chegaram aos seguintes apontamentos, entregues a partir de relatórios produzidos:

Aluno (a) 1:

Maria chegou ao bairro em 1989. Do outro lado da avenida onde era sítio também, quando eles chegaram era uma vila e tinha 11 casas, somente. A creche era um posto de saúde também, não tinha comércio. Todo sábado ela ia para o centro para fazer suas compras no Mercado Senhora Santana. Era ônibus, porém nenhum pouco iguais aos de hoje. Na época que eles moravam lá, trabalhavam de roça. A diversão de Maria e suas irmãs era brincadeira de roda, cai no poço. Eram casas de taipa, carregavam água na cabeça com pote. Raimundo era o dono da vila. A noite era uma escuridão enorme, muita muriçoca,



energia elétrica em casa e nos caminhos. Tinha casa de farinha e as crianças brincavam de descascar mandioca. Em 1994 foi a volta deles para a vila São José, onde era o sítio, e já tinha duas ruas, Assis de Melo e Moesio de Sousa. Robério de Sá Barreto é a rua que eles moram desde 1996 até 2015. E só tinha 4 casas e era de calçamento.<sup>3</sup>

Aqui é possível perceber que o (a) Aluno (a) 1 ateu-se a apresentar as entrevistas que abordaram, principalmente, como era o bairro São José no passado, logo quando seus primeiros moradores foram chegando. O (a) aluno (a) fala como foram significativas às mudanças que ocorrera, quando se analisa o que foi falado pelos moradores e como se apresenta o cenário hoje.

O (a) aluno (a) também pode perceber o conceito de lugar, a questão do pertencer, de guardar memórias que são ressignificadas à luz do presente, apresentando com saudosismo momentos pretéritos da vivência desses moradores com o bairro.

Outros discentes seguiram por observações diferentes, deixando expressos em seus relatórios o momento presente como algo que foi significativo, como se pode observar nos depoimentos a seguir.

Aluno (a) 2:

Entrevistamos uma mulher que mora no bairro há 15 anos. Ela nos contou que, durante esse período até os dias atuais, tinham acontecido muitas mudanças. Primeiramente, ela citou o comércio que era muito difícil, que só tinha uma “bodega” um pouco distante da casa dela e, nos dias atuais, a facilidade de deslocamento melhorou. Também citou sobre o problema da água no bairro, que era muito difícil para eles terem água em suas casas e precisavam se deslocar até o poço, que no bairro só tinha um e a situação está um pouco complicada em relação à água, porque a falta de água é muito frequente, e também não tinha luz, nem saneamento. Perguntamos sobre o lado bom do que havia acontecido e ela nos falou que está mais acessível. Também tratamos sobre a saúde que não é suficiente para o bairro, o traslado do ônibus que demorava muito, e perguntamos sobre o imóvel mais antigo do bairro, só tinha o colégio E. F. Antonio Ferreira de Melo.<sup>4</sup>

Aluno (a) 3:

Seu Pedro reside no bairro São José há 11 anos e relatou algumas mudanças que aconteceram depois que ele começou a morar ali. Disse que teve a construção de mais casas, da Igreja de São Pedro, que fica próxima à sua residência, o modo de vida dos moradores melhorou e eles não ficam sentados na calçada, não tendo, assim um contato mais próximo dos vizinhos.<sup>5</sup>

Aluno (a) 4:

Mora há 30 anos. Diz ele que antes o bairro São José era chamado de sítio e seu desenvolvimento só aconteceu há uns 8 anos. Ele reside na casa mais velha do bairro e o nome da rua que mora foi dada por causa da namorada do seu pai, Lurdinha. Ele falou que uma das melhorias foi a implantação da linha de ônibus, as escolas e o aumento de médicos no posto de saúde.<sup>6</sup>

As transformações que foram realizadas no bairro tiveram início com a instalação de alguns equipamentos que serviram de vetores de expansão, incorporando a malha urbana da cidade, densificando sua população e substituindo uma paisagem pretérita por uma nova, moderna.

Também foram relatados alguns problemas atuais de infraestrutura, como falta de saneamento básico, abastecimento precário de água, oferta insuficiente de transporte público, assim como alguns benefícios que foram incorporados, como a construção de escola, posto de saúde e oferta de mais médicos.

No relatório feito pelo (a) aluno (a) 4, pode-se perceber que o morador que concedeu a entrevista indicou que as grandes mudanças ocorridas tiveram início há 8 anos, o que coincide com a chegada de grandes redes de atacado no bairro, levando a um crescimento no número de residências.

Outros (as) alunos (as) buscaram trabalhar mais a percepção das mudanças na paisagem do bairro, tendo em vista o que foi apresentado no minicurso e o que foi relatado pelos moradores. Assim, o (a) aluno (a) 5 descreve:

Foi uma experiência bem proveitosa, pois, percebi muitas mudanças. Olhando para o mapa de 2004, vi que não tinha muitas casas, era uma aqui, outra a não sei quantos metros de distância, diferente do ano de 2015, que já se encontra com mais casa, só que não como bairro mais populoso. Dá para perceber que ele vai crescer cada vez mais. Por conta de lá não ter muitas casas no passado, não tem muita construções antigas, a mais velha é uma escola.<sup>7</sup>

O (a) aluno (a) buscou apresentar as mudanças que, para ele (a), foram as mais significativas. Ao analisar diferentes imagens de satélite e ao realizar a prática de campo, ele pode perceber as formas de ocupação no bairro a partir de uma utilização diferente no valor do solo urbano com a incorporação de vários equipamentos, tanto por parte do poder público, quanto privado.

Essas análises realizadas reforçam a ideia apontada por Abreu (2012), apresentada pelos alunos e, posteriormente, debatida ao final do campo, com base nos relatórios construído por eles.

[O Brasil pautou-se em um projeto modernizador, fundamentando-se] na esperança de um futuro melhor e na rejeição do passado, na abolição de seus vestígios, na superação. A vergonha do passado e a crença no futuro se fizeram sentir, por exemplo, na disseminação de ideais de “dimensão continental do país”, de “espaços vazios”, e de “oferta ilimitada de terras”, que faziam do Brasil um país do futuro. (p. 22).

Esse ponto de vista está presente na memória dos moradores que relatam a atuação do Estado, que vincu-

lou a ideia desses projetos de modernização dos espaços, negando seu passado. Sabendo-se que o bairro São José liga as duas principais cidades do Cariri Cearense, Crato e Juazeiro do Norte, ele não poderia permanecer com aparência de Zona Rural, além de possuir uma função estratégica, o que levou à instalação de equipamentos, como as grandes redes atacadistas, que modificaram a dinâmica do lugar e impactaram sua memória urbana na transformação da paisagem.

Ao final das atividades, realizou-se ainda uma conversa com os alunos, que acabaram por mostrar um rendimento muito melhor na apreensão das categorias e dos conceitos do que se a temática tivesse sido tratada apenas dentro da sala de aula. Eles apontaram que a atividade de campo é essencial para o ensino, que o ato de investigar, intervindo diretamente junto aos conceitos e categorias trabalhados, torna-os de mais fácil compreensão. Dessa forma, toma-se como positivo o trabalho realizado e ressalta-se a necessidade de uma Geografia que concilie teoria e prática, colocando o aluno como ator principal desse processo de ensino-aprendizagem, rompendo, assim, com a lógica do “pastel de vento” (KAERCHER, 2004). Novamente corrobora-se com Souza (2014) ao apontar-se que “[...] o ideal é que os alunos construam o seu conhecimento e que o professor os orientará nesse processo” (p. 109).

Deixemos nossos alunos “rechearem” seus saberes com vivências, atitudes críticas/reflexivas, junto a um processo de equilíbrio/desequilíbrio ao se construírem como cidadãos que estão inseridos na sociedade, utilizando-se da Geografia enquanto ferramenta para ler e interpretar o espaço.

### **DEGUSTANDO NOVOS SABORES – APRENDIZADO PARA AVANÇAR**

Ao final deste artigo, observa-se a importância de se trabalhar com a memória urbana como uma linguagem a ser inserida no ensino de Geografia como forma de analisar diferentes conceitos e categorias, não ficando encerrado apenas na sala de aula, mas convidando o aluno para ser agente direto na construção do saber, conciliando, assim, teoria e prática, levando-o ao campo, fazendo-o sujeito da pesquisa, construindo de forma criativa, reflexiva e crítica o saber geográfico.

Essa perspectiva de ter a cidade como objeto, vinculando a comunidade à escola, permite a interação e a realização da transformação do saber empírico do aluno em um saber científico. Abreu (2012, p. 28) pontua que: “a cidade é uma dessas aderências que ligam indivíduos,

famílias e grupos sociais entre si. Uma dessas resistências que não permitem que suas memórias fiquem perdidas no tempo, que lhes dão essa ancoragem”. Nesse sentido, a memória pode em muito contribuir ao ensino de Geografia, seja para trabalhar o urbano e a cidade, seja para sedimentar a construção de conceitos a partir das experiências empíricas, além de possibilitar a aproximação entre escola e comunidade, rompendo com a história oficial e dando voz a diferentes indivíduos na apropriação desse conhecimento no processo de ensino-aprendizagem.

Esse trabalho também nos levou a perceber as riquezas de percepções que os alunos possuem, entendendo que eles já possuem um saber baseado em suas vivências, mas que precisam ser orientados, dando, assim, sentido à Geografia utilizada em sala de aula, onde percebem que esse conhecimento pode ser tido como um referencial teórico e prático na leitura dos seus cotidianos, preparando-os para atuar na sociedade.

A Geografia também permite outras inúmeras possibilidades. Pontua-se o trabalho realizado pela professora Lana de Souza Cavalcanti (2008), que propõe outras formas de diálogo entre a Geografia e o ensino da cidade. Ficou-se evidente que temas como uso e ocupação do solo urbano, questões da habitação e infraestruturas urbanas, ocupação de áreas de risco, processo de refuncionalização do espaço, dentre outras questões podem ser abordados de maneiras práticas junto aos alunos quando se leva em conta o campo empírico próximo a ele e seus saberes cotidianos, conciliando a um processo de ensino-aprendizagem que leva em conta o livre debate, respeitando as opiniões dos demais, a construção de questionamentos coletivos sobre as diferentes temáticas, a produção de projetos de pesquisas e a investigação de campo, assim, ele se torna ator do/no processo de ensino-aprendizagem, gerando motivação na construção da Geografia enquanto instrumento que permite apreender o espaço e as diferentes espacialidades.

Portanto, cabe a nós, professores de Geografia, sairmos dos nossos discursos de “pastéis de vento” para abrir novas possibilidades para o ensino, no dever que cabe a nós de construir cidadãos críticos/reflexivos/criativos capazes de lerem a sociedade onde estão inseridos.

### **REFERÊNCIAS**

ABREU, M. de A. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, A. F. A. *et. al.* (Orgs). **A produção do espaço urbano**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 19-39

CAVALCANTI, L. de S. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana.** Campinas, SP: Papirus, 2008.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2003.

HOLZER, W. Memória de viajantes: paisagens e lugares de um novo mundo. **Revista GEOgraphia.** Niterói, v. 2, n. 3, p. 111-122, 2000. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/32>>. Acesso em: 25 de maio de 2009.

KAERCHER, Nestor André. **A geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da geografia crítica.** Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-01052005-224221/pt.br.php>>. Acesso em: 23 de setembro de 2015.

LAMPART, R. A. O estudo do lugar como formação do conhecimento e a prática docente em geografia. In: TONINI, I. M.; KAERCHER, N. A.; HOLGADO, F. L. (org.). **Ensino da geografia e da história: saberes e fazeres na contemporaneidade.** Porto Alegre: Evangraf, 2013. (p. 133-148).

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto história: Revista do programa de estudos Pós-graduandos em história.** São Paulo, n.10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <<http://www.pt.scribd.com/doc/51219446/Entre-Memoria-e-Historia-a-Problematica-Dos-Lugares-Pierre-Nora>>. Acesso em: 25 de maio de 2009.

OLIVEIRA, Paulo Wendell Alves de. **A memória da cidade: transformações e permanências na produção espacial do núcleo de formação histórico da cidade de Juazeiro do Norte - CE.** Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciências e das Tecnologias, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: <[http://uece.br/mag/dmdocuments/paulo\\_wendell\\_alvesde\\_oliveira.pdf](http://uece.br/mag/dmdocuments/paulo_wendell_alvesde_oliveira.pdf)>. Acesso em: 23 de setembro de 2015.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender geografia.** São Paulo: Cortez, 2007.

REGO, Nelson. Geografia, educação, linguagem: elementos de uma reconstrução ontológica? **Revista da ANPEGE,** Rio de Janeiro, v. 5, p. 4-15, 2005. Disponível em:

<<http://www.anpege.org.br/revista/ojs-2.4.6/index.php/anpege08/article/view/24>> Acesso em: 23 de setembro de 2015.

SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional.** 5.ed. São Paulo: EdUSP, 2013.

SEEMANN, Jörn. O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **Revista Casa de Geografia de Sobral,** Sobral, v. 4/5, p. 45-53, 2002/2003. Disponível em: <<http://www.uvanet.br/rcgs/index.php/RCGS/article/view/77>>. Acesso em: 28 de outubro de 2010.

SOUZA, V. C. de. Desafios do estágio supervisionado na formação do professor de geografia. In: ALBUQUERQUE, M. A. de; FERREIRA, J. A. de S. (org.). **Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão.** João Pessoa: Editora Mídia, 2013. p. 105-130.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Londrina: Eduel, 2012.

## NOTAS

<sup>1</sup> O autor Nestor André Kaercher (2004) utiliza-se da expressão “pastel de vento” como uma analogia, ao comparar aulas de Geografia sem conteúdos significativos ao processo de ensino-aprendizagem a pastéis sem recheio, ou seja, pastéis de vento.

<sup>2</sup> A atividade teve a supervisão de quatro professores, sendo dois da escola a qual os alunos estudam, além de dois que propuseram o trabalho para a pesquisa.

<sup>3</sup> Relatório feito pelo (a) Aluno (a) 1 com base na entrevista com morador (a). [set.2015]. Juazeiro do Norte, 2015. O nome dos moradores e demais pessoas citadas nas entrevistas, foram modificados para resguardar identidade, já que não foi solicitada a permissão para utilização dos mesmos.

<sup>4</sup> Relatório feito pelo (a) Aluno (a) 2 com base na entrevista com morador (a). [set.2015]. Juazeiro do Norte, 2015.

<sup>5</sup> Relatório feito pelo (a) Aluno (a) 3 com base na entrevista com morador (a). [set.2015]. Juazeiro do Norte, 2015. O nome dos moradores e demais pessoas citadas nas entrevistas, foram modificados para resguardar identidade, já que não foi solicitada a permissão para utilização dos mesmos.

<sup>6</sup> Relatório feito pelo (a) Aluno (a) 4 com base na entrevista com morador (a). [set.2015]. Juazeiro do Norte, 2015. O nome dos moradores e demais pessoas citadas nas entrevistas foram modificados para resguardar sua identidade, já que não foi solicitada a permissão para utilização.

<sup>7</sup> Relatório feito pelo Aluno (a) 5, com base o trabalho de campo. [set.2015]. Juazeiro do Norte, 2015.

---

**Correspondência dos autores:**

*Paulo Wendell Alves de Oliveira\**

e-mail: paulowendell@bol.c

Orcid-id: <http://orcid.org/0000-0002-2568-3800>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0608628150559610>

*Ana Paula Rodrigues da Costa\*\**

e-mail: anapaula-rodriguesdacosta@bol.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2638900090174630>

---

Artigo recebido em: 29/09/2017

Revisado pelos autores em: 11/11/2017

Aceito para publicação em: 24/07/2018